

CARRETEIRO

UM dos meios de transporte subordinados à tração animal, a carrêta da Campanha sul-riograndense tem características inconfundíveis. Distinguiu-as com exatidão, BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, em obra até hoje infelizmente inédita. Mais do que isso: compreendeu os motivos da extensão de seu uso aos campos do sul matogrossense, onde os refugiados gaúchos das revoluções do período inicial da República a introduziram.

Só nas campanhas do Rio Grande do Sul, entretanto, ela se manteve, com tôdas as suas peculiaridades. E ali mesmo, parece que os seus dias estão contados, tanto já se desenvolvem outros meios de transporte, entre os quais o automóvel. As estradas construídas para êste revestem-se de técnica especial e a carrêta nelas aparece como remanescente prejudicial de uma época ultrapassada. Vaça ainda, entretanto, pelos "corredores", e satisfaz inúmeras necessidades da vida regional.

Ligada à carrêta, a figura do carreteiro fica pertencendo, com exclusividade, ao ambiente pastoril do extremo-sul. Se o meio de transporte passou a outra região, com as suas características de construção mais ou menos respeitadas, a personagem não o acompanhou. Outras eram as condições, e o quadro natural se circunscrevia à Campanha. Em outras regiões, conduzindo carrêtas ou carros, o homem é o "carreiro", e trabalha habitualmente a pé. A carrêta, ou o carro, é mero meio de transporte, um utensílio de trabalho.

Para o carreteiro da Campanha, a carrêta é muito mais do que isso. Se, em boa parte, serve ao transporte, de couro, de lã, de fardos de tôda espécie, — serve, também, de meio de transporte da família, em longas jornadas. Nelas viajam, vivem, dormem, os seus. E se isso era costumeiro, no passado, é ainda corrente, nos dias de hoje. AUGUSTO MEYER, em Segredos da Infância, conta:

"Voltamos do Cêrro d'Árvore em carrêta.

Dias e dias morei naquela casa de rodas, que se arrastava pelas estradas, sem vontade de chegar. Parecia que cada trecho de paisagem, com pena de nos deixar, tentava seguir-nos até a última curva do caminho.

.....
Em noite de calma, fazíamos a cama no capim, entre as rodas da carrêta."

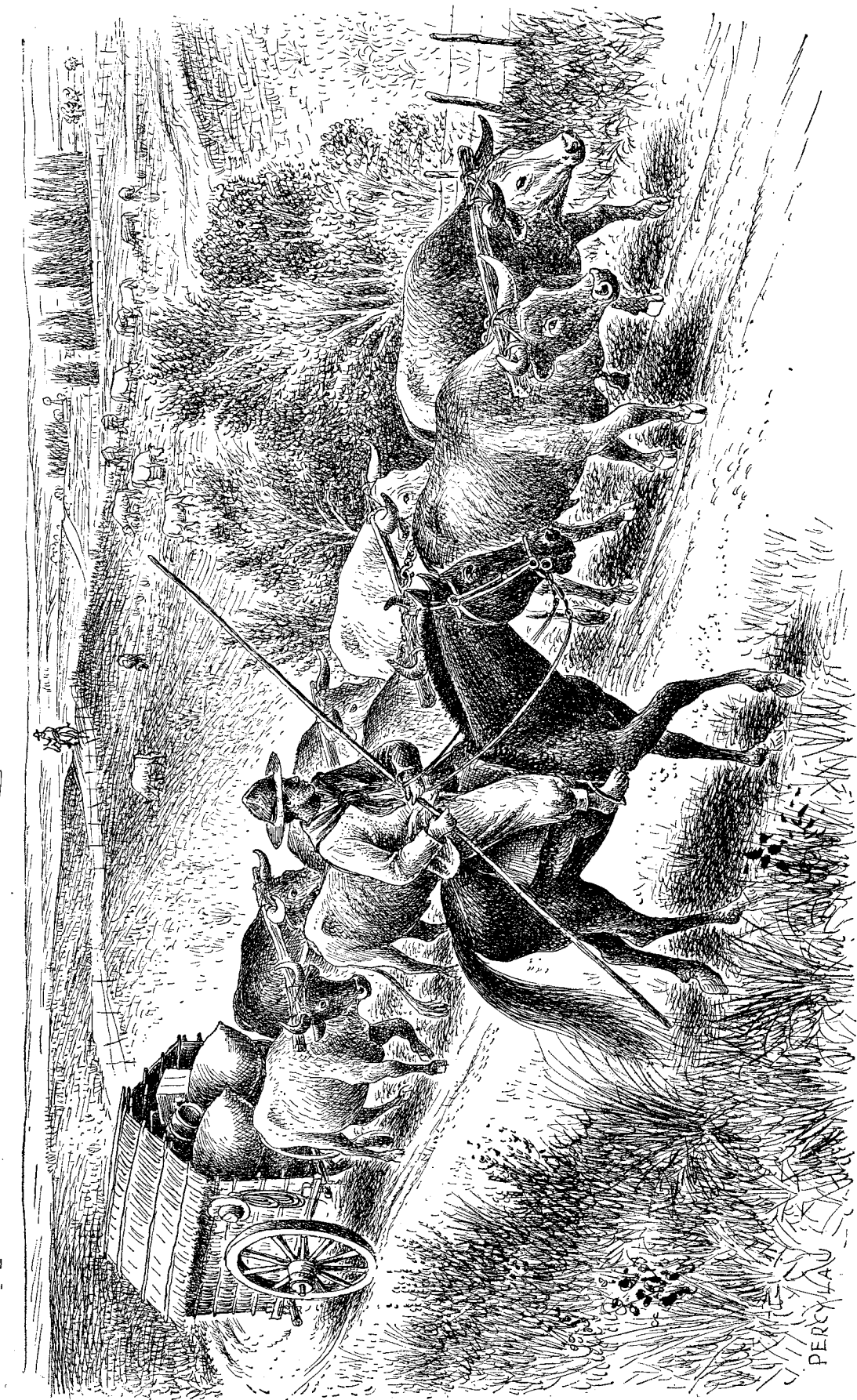
Para conduzir os bois que tracionam a carrêta, tem o carreteiro processos especiais, em tudo diferentes dos que empregam os "carreiros" de outras regiões: outro é o seu modo de tanger, de parar, de subir e descer ladeiras, de desatolar e de transpor um "passo".

A diferença principal está em que o carreteiro é um homem montado. Não conduz do alto da carrêta, nem a pé, — e não apeia quase nunca, por necessidade da condução em si mesma. Resolve os seus problemas, do alto da sela. Não grita e não se extrema em vozes; como a própria carrêta é silenciosa, sem o cantochão monótono dos carros-de-boi de outras regiões.

Ao lado das juntas de bois, ao passo lerdo do cavalo, empunhando o aguilhão, vai como um senhor. Não abre mão de suas prerrogativas de homem a cavalo, — nem apeia para conduzir, e nem, por costume, toma parte na carga e descarga, quando a carrêta serve ao transporte de qualquer material.

Em muitos casos, o carreteiro não trabalha sozinho. Reveza com outro. Os períodos em que não lhe cabe o cuidado com a condução, passa-os deitado na carrêta, ou montado, marchando à retaguarda. A pé, só parado.

NELSON VERNECK SODRÉ



PERCY LAU